EXPECTATIVAS e DECEPÇÃO, OU NA CASA DO SENHOR WALSER

Luís Mourão

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

RESUMO:

A casa do Senhor Walser é uma conquista da racionalidade absoluta. Isso cria na personagem a expectativa de uma sociabilidade sem atrito e sem sombra, em que o Outro realmente não existe enquanto Outro. Não sendo capaz de entender a falha das coisas, o Senhor Walser não tem condições para aprender com a decepção, ficando interminavelmente entregue às suas expectativas. Por isso, o Senhor Walser é um representante típico da maioria ocidental de inícios do século XXI.

ABSTRACT:

Senhor (Mr.) Walser's house is a conquest of the absolute rationality. This conquest takes the personage into an expectation of sociability without conflicts, in which the Other doesn't really exist as an Other. Being unable of understanding that things simply fail, Senhor (Mr.) Walser is incapable of learning from deception. So, Senhor (Mr.) Walser endless cherishes his expectations, as a typical member of the western majority at the beginning of the XXI century.

PALAVRAS-CHAVE:

Gonçalo M. Tavares,
Senhor Walser,
racionalidade absoluta,
expectativas

>>

KEY WORDS:

Gonçalo M. Tavares,
Senhor Walser, absolute
rationality, expectations

1. Bairro. Distância. Crítica.

O Bairro vai-se povoando. Depois dos Senhores Valéry, Henri, Brecht, Juarroz, Kraus e Calvino, chega agora o Senhor Walser. Acontece, porém, que o Senhor Walser, talvez por analogia com o seu homónimo, é mais dado ao recato, ou à solidão das grandes caminhadas, ou talvez apenas a desafios diferentes, mais impossíveis, inevitavelmente fracassáveis, com isso se distinguindo (ou talvez nem tanto) do seu homónimo. Parafraseando — e não há muitas mais maneiras de crítica, ou há? —, “sejam claros, sem entrar em pormenores” (Tavares, 2006: 15): o Senhor Walser usa um nome distinto, o nome do *outro* Walser, e isso é facilmente confundível com *performances* tais que *pastiche*, re-escrita ou paródia. A questão é que o autor, não sendo de todo alheio à frequência de tais lugares, não se deixa muito encontrar por lá, ou nunca fica tempo suficiente para se fazer encontrar. Mas claro, o autor goza de prerrogativas que não são dadas aos leitores: para esses, um nome como Walser é sempre uma entrada na enciclopédia literária, não há como evitar a leitura em segundo e terceiro e restantes graus de equivocidade.

Por exemplo, a questão da casa. A casa está “situada a uns bons quilómetros do bairro mais próximo” (*idem*: 11). Duas consequências: para a série do *Bairro*, é um desvio que abre caminho à possibilidade de uma vasta urbanização, ainda que se possa dizer com verdade que o Bairro em si mesmo já contém suficientemente essa possibilidade; para o Senhor Walser, esta distância é o que nele mais se assemelha à distância a que sempre se colocou o *outro* Walser, cuja preferência inabalável por lugares retirados era bem conhecida. Desta segunda consequência deriva por sua vez uma outra consequência, consabida e tortuosa: é pela semelhança que se instaura a distância crítica do autor. A distância da casa é a semelhança, a crítica vem do modo segundo o qual o Senhor Walser usa desta distância: com esta casa construída a uns bons quilómetros do bairro, o Senhor Walser espera conseguir companhia. Companhia humana em geral, toda ela altamen-

te crítica, aliás: “argumentar, discutir grandes ou pequenas ideias, assuntos que interessassem a países ou continentes e assuntos que só interessassem à comunidade próxima, essa ânsia no fundo de um clima racional de convívio” (*idem*: 11). E companhia feminina em particular, e de um modo particular dessa companhia feminina: “o encontrar de uma companhia definitiva” (*idem*: 12). Neste modo segundo o qual o Senhor Walser usa da distância, a crítica do autor não se insinua apenas na companhia crítica, mas sobretudo na companhia feminina. “Sem entrar em pormenores” — sim, os pormenores seriam aqui o seu tanto obscenos, quer dizer, fora de cena —, “sem entrar em pormenores: Walser tinha grandes expectativas” (*idem*: 15). >>

2. Capítulo III. Conexão. Deriva-eu-Walser.

Como Walser está contente! Mal se abre a porta de sua casa — sente ele — entra-se noutra mundo. Como se não fosse apenas um movimento físico no espaço — dois passos que se dão — mas também uma deslocação — bem mais intensa — no tempo. [...] Quando fechava a porta atrás de si, Walser sentia virar as costas à inumana bestialidade (de que saíra, é certo, há biliões de anos atrás, um ser dotado de uma inteligência invulgar — esse construtor solitário que era o Homem) e entrar em cheio nos efeitos que essa ruptura entre a humanidade e a restante natureza provocara; uma casa no meio da floresta, eis uma conquista da racionalidade absoluta. (*idem*: 13)

Desde o primeiro capítulo, Walser está contente. E ao terminar o segundo capítulo, tal contentamento reveste-se da expectativa de que a nova casa lhe traga “um beijo apaixonado, o encontrar de uma companhia definitiva” (*idem*: 12). Eis então a coisa estranha: como pode uma casa que é uma conquista da racionalidade absoluta criar a expectativa de um beijo apaixonado? Qual a conexão entre racionalidade absoluta e beijo apaixonado? É essa conexão real ou ilusória? Ou não se deixa definir por nenhum destes termos?

Uma coisa é certa: Walser está contente. Será este o conector entre racionalidade absoluta e beijo apaixonado? A intensidade do contentamento como conector? Em boa verdade, agora que o escrevo, tenho de reconhecer que às vezes, no decorrer de uma aula, quando me acontece pensar aquilo que o pensamento exige pensar, sou tomado de um contentamento infantil que se poderia definir pela alegria da racionalidade absoluta. Pois bem. Esse contentamento leva-me a querer beijar apaixonadamente as alunas. Esse contentamento é, em todo o rigor dos termos, “essa ânsia no fundo de um clima racional de convívio” (*idem*: 11). Claro que as alunas, porque observam um pouco de fora o acontecimento do pensar, não são tomadas pela alegria da racionalidade absoluta, e por isso nunca entenderiam a verdadeira dimensão dos beijos apaixonados de um professor enquanto professor. Digamos que esta é a condição empírica da racionalidade absoluta numa sala de aula, e por isso uma sala de aula nunca é uma casa.

Mas voltemos a Walser, ele goza de uma outra liberdade. Como personagem de ficção não está sujeito ao mesmo regime jurídico-moral de um professor. Quando Walser está contente, está mesmo contente. E pode ser consequente com o seu contentamento, pode desejar até ao fim todas as consequências da conquista da racionalidade absoluta. E mesmo para lá do fim: a racionalidade absoluta é da dimensão da *jouissance*. Mas de uma forma peculiar: o desejo, aqui, decerto que pode ir bem para além do princípio de prazer, mas a racionalidade absoluta promete a sua reversão homeostática ao sistema, precisamente porque é absoluta e porque é racionalidade. Razões acrescidas para Walser alimentar grandes expectativas. E razões acrescidas para tudo terminar mal, como bem sabemos destas coisas, tenhamos-lo ou não aprendido com Lacan. Mas levanta-se-me aqui uma outra dúvida, e tenho de voltar à questão de professor e aluna. Ou para ser mais exacto (a exactidão de um caso particular e mediático), à questão de uma certa professora e de um certo aluno.

3. Reversibilidade. Racionalidade absoluta. Outro.

A questão, na verdade, é simples. Se o contentamento é o conector entre racionalidade absoluta e beijo apaixonado, isto só pode querer dizer que há paixão na racionalidade absoluta e racionalidade no beijo apaixonado. Claro, isto é o trivial da reversibilidade: não se chega ao absoluto da racionalidade a não ser que se seja movido pela paixão desse absoluto, como não se chega ao beijo apaixonado sem a racionalidade ou a reflexividade da arte de seduzir e de beijar. Mas talvez este trivial comporte uma certa dose de escândalo. Ocidentalmente falando, a conexão racionalidade absoluta, contentamento, beijo apaixonado, é uma conexão escandalosamente feliz, se pensarmos que a determinante do amor-paixão no ocidente é a tragédia. Claro que poderíamos admitir um tal escândalo na condição de ele ser apenas o primeiro acto de uma peça que caminhará para a tragédia. E de facto, de uma certa maneira, as coisas irão acabar mal para Walser. Mas não completamente. Também de uma certa maneira, até se pode dizer que as coisas estarão longe de acabar mal para Walser. Se é porque Walser é um optimista ingénua ou um ingénua ignorante das consequências da vida prática, ou nem uma coisa nem outra, isso veremos a seu tempo. Em todo o caso, acabando as coisas mal ou nem tanto, não há nunca da parte de Walser qualquer vislumbre de que as suas expectativas de beijos apaixonados comportem algo de transgressor ou sequer de problemático. As suas expectativas estão na mesma linha do seu contentamento: são sem sombra, inteiramente afirmativas, desconhecedoras do atrito. Como Žižek poderia dizer, as suas expectativas dessexualizam a matéria propriamente sexual contida no desejo de beijos apaixonados.

A questão, na verdade, é simples. Quer eu, enquanto professor a quem acontece por vezes experimentar a alegria da racionalidade absoluta, quer Walser, que habita numa casa que é uma conquista da racionalidade absoluta, ambos somos tomados pela expectativa dos beijos apaixonados. Nesta expectativa,

>>

porém, não há verdadeiro lugar para o Outro — para a sua resistência, para as suas próprias expectativas. A *jouissance*, na verdade, é vazia, quer dizer, comércio com o vazio, ou *fetich*e da mercadoria (as expectativas são a mercadoria do sexo, tanto mais altas quanto menos performativas). Walser, tudo o indica, não está preparado para a *performance*. Quanto a mim, bastará dizer que as aulas acabam, e que há mais vida para além das aulas — é também essa uma diferença importante entre as aulas e a casa. Ao invés das aulas, a casa pode ser co-extensiva ao mundo — quando se diz “a casa e o mundo”, por exemplo, diz-se mais essa co-extensividade do que o hiato, mesmo quando parece estar-se a dizer exactamente o contrário. Mas para Walser, nem se chega a colocar a questão de a casa ser co-extensiva ao mundo. Tudo o que do mundo interessa a Walser há-de vir para dentro de casa: a racionalidade absoluta incorpora tudo. Walser nunca irá ao bairro, mas tem a expectativa de que alguém ou alguma coisa do bairro virá até ele. Walser espera pelo outro, mas no seu espaço. Habitando um efeito da racionalidade absoluta, não incorre no perigo de o Outro a subverter. Em consequência, não incorre igualmente no perigo de deixar que o Outro saiba dele aquilo que nem ele próprio sabe. Este perigo tem um nome, que de tão gasto já quase nada significa. Mas enunciemo-lo, apesar de tudo: paixão. E abramos aqui um parêntese, uma curta deriva proporcionada por Žižek, uma professora de trinta e seis anos e um seu aluno de catorze.

4. Deriva-Žižek. Maioria moral. Acto.

Žižek deplora o estado da sexualidade hoje. A extrema reflexividade em que se desenrola a vida sexual, a sua medicalização, e a sua relação intrínseca com o individualismo pós-moderno, originam “a extinção do apego apaixonado ao Outro, o aparecimento de um Eu auto-suficiente para o qual o Outro-parceiro já não é um sujeito, mas tão-só o portador

de uma mensagem que se refere directamente ao Eu” (Žižek, 2006: 123). Não é necessário concordar com todas as nuances do raciocínio de Žižek — a sua análise do Viagra, por exemplo, parece-me desconhecer o bom-senso psicológico que anima a reflexividade sexual de muitos casais de terceira idade, tal como nos é relatada por vários analistas e terapeutas —, para aceitar que o diagnóstico é globalmente correcto.

Mas Žižek encontra ainda sinais de vida, por exemplo o

caso de Mary Kay le Tourneau, essa professora do ensino secundário de Seattle, com trinta e seis anos de idade, que foi presa por ter entabulado uma relação amorosa com um dos seus alunos, de catorze anos — numa das grandes histórias de amor recentes, em que o sexo aparece ainda associado a uma efectiva transgressão social. (*idem*: 125)

>>

É um caso particularmente ilustrativo do modo de lidar com o Outro. Ilustrativo, antes de mais, pela reacção da “maioria moral” americana. Reacção dupla, e de sinal contrário. Por um lado, medicalizando. A psiquiatra que avaliou Mary Kelly sustentou reiteradamente a tese de que o seu problema “«não era psicológico, mas médico», e que a acusada deveria ser tratada por meio de uma medicação que estabilizasse o seu comportamento: «Para Mary Kelly, a moral começa pela toma de um comprimido.»” (*idem*: 126). Por outro lado, condenando: a tese da “personalidade bipolar” de Mary Kelly seria apenas um subterfúgio que a libertava de assumir a sua culpabilidade e responsabilidade.

O que a maioria moral nunca quis tentar entender foi o discurso em que Mary Kelly afirmava que amava o seu aluno de catorze anos. Por mais estranho e perturbador que seja um tal discurso, ele não deixa de colocar com clareza o que, no limite, define um Acto. Como foi possível que Mary Kelly tivesse posto em causa “a sua família, os seus três filhos, a sua carreira? Não será, contudo, uma suspensão semelhante do «princípio de razão suficiente» a própria definição do ACTO?” (*idem*: 128; maiúsculas do autor). Quando Lacan define um acto como

“impossível”, ou Kierkegaard fala do momento de loucura da decisão, ambos se referem ao facto de que um verdadeiro acto nunca é apenas o momento lógico de uma cadeia de razões ou de regras. Um “acto bem conseguido induz, por definição, um curto-circuito; cria retroactivamente as condições da sua própria possibilidade” (*idem*: 127). Ou seja, e retomando Walser, se beijos apaixonados são expectativa, isto é, consequência lógica da racionalidade absoluta da casa, então os beijos apaixonados da expectativa de Walser não são um verdadeiro Acto. Isto sim, terá consequências lógicas.

5. Rodapés. Natureza. Mulher.

Mas antes de avançarmos nas consequências lógicas do não-Acto de Walser, uma palavra sobre rodapés. Naturalmente, há-os na casa nova de Walser, e são de uma espécie superior: “que perfeitos! Mais: que sentido estético! Que entendimento exacto da maneira como cor e forma se devem misturar como se existissem já assim (os rodapés) na natureza, desde o início.” (Tavares, 2006: 17). A formulação de Walser é genuinamente congratulatória quanto aos feitos da racionalidade absoluta. É que a racionalidade absoluta, tal como se pode verificar na construção de uma casa no meio da floresta, não se limita à casa em si mesma, isto é, ao *constructo* na sua dimensão estrita de coisa de engenharia. Se o rodapé serve aqui como imagem de um todo que se fecha perfeitamente, furtando-se ao indomesticável da floresta, serve também para mostrar que, na óptica de Walser, toda a perfeição, ou seja, toda a racionalidade absoluta, é capaz ou engendra mesmo um suplemento estético tal que é como se desde sempre essas cores e formas tivessem existido na natureza. Cores e formas, não a matéria nem a sua disposição ou conexão propriamente material. Ou seja, o suplemento estético é uma imitação da natureza que se confunde com ela e a substitui com vantagem: em vez de cores e formas ligadas ao

indomesticável da floresta, temos essas mesmas cores e formas ligadas à racionalidade absoluta de uma casa. Apagamento da natureza, apagamento do Outro. Apagamento também da mulher e, portanto, da possibilidade dos beijos apaixonados? Sim, em grande medida sim, mas não pelas razões que estabeleciam a velha homologia entre natureza e mulher — aliás, mais do que homologia, tratava-se de facto do cruel confinamento da mulher à natureza. O apagamento da natureza e o apagamento do Outro apaga a mulher na mesma medida em que apaga o homem que Walser é. E apaga ambos na medida em que apaga a diferença sexual entre eles, que não é já tanto a diferença de um ser macho e outra fêmea, mas a diferença do mundo singular de sexualidades que cada um podia ser. Esta diferença entre dois só é experienciável no meio-ambiente de um terceiro a que temos ainda (impropriamente, é certo) de chamar natureza: o corpo, a fisiologia das paixões. Sem dúvida, o sexo pode ser virtual e o erotismo ser coisa mental: mas ambos provocam efeitos anatomofisiológicos mensuráveis. As causas são sempre “culturais”, os efeitos sempre “naturais”.

>>

Ora, a racionalidade absoluta é o tipo de causa “cultural”, melhor, lógica, que pretende que os seus efeitos sejam exclusivamente “culturais”, melhor, lógicos. Walser não o percebe, como não percebe que a série de contratempos que acomete a casa é a consequência lógica da racionalidade absoluta.

6. Auto-organização. Obstáculo. Efeito perverso.

Walser não se preocupa muito quando, menos de duas horas depois de estar na sua casa nova, aparece o canalizador por causa da torneira da casa de banho. Bem pelo contrário:

Retirada já do seu sítio e colocada no chão, a torneira parecia estar num momento de repouso, e Walser sentia o ímpeto de agradecer já àquele homem, mesmo antes de ele terminar o seu trabalho. A sensação era de que algo que fora necessário

fazer estava a ser feito, tal o modo tranquilo e conclusivo com que a torneira e o chão se haviam, utilize-se esse termo, misturado. (*idem*: 22)

Em suma, Walser confia na capacidade auto-organizativa da racionalidade absoluta. Aplicada a casas, sobretudo àquelas, não o esqueçamos, que são uma conquista da racionalidade absoluta, a capacidade auto-organizativa deveria manifestar-se também através de uma permanente função auto-reparadora: alguém mandou o canalizador, alguém sabe e vela, e não foi certamente o mordomo, porque aqui não há mordomo.

34>35

O problema começa — sim, há um problema... —, o problema começa quando esta capacidade auto-reparadora se torna um “obstáculo concreto” (*idem*: 23) à plena fruição da casa. Efeito perverso da racionalidade absoluta, sem dúvida, esta minúcia da perfeição, quando a olho humano tudo parece estar bem. Walser não o diz, mas é bem provável que, nesse particular momento em que sente a presença do canalizador como um “obstáculo concreto”, Walser tenha pensado que a minúcia da perfeição poderia parecer-se demasiado com um mau infinito. Como se a racionalidade absoluta fosse uma situação tão frágil que tivesse constantemente de estar a ser repostada. E, portanto, nunca fosse uma racionalidade absoluta realmente fruível enquanto tal.

Mas pouco importa que Walser o tenha pensado ou não. Não é por aí que vai a história. Não pelos efeitos perversos do *quase* que faltará a toda a completude para ser verdadeiramente uma completude, mas pelos efeitos perversos, e em rigor lógicos, que advêm do facto de a racionalidade absoluta não permitir o Acto.

7. Catástrofe. Empiria. Teoria.

A lógica não induz um Acto, mas uma mera consequência. É por isso que a lógica pode induzir seguramente uma catástrofe: porque a natureza segue uma ordem. Os humanos, em muitas questões, podem escolher, ou têm a possibilidade de poder

escolher, e é isso a ética. A natureza não tem ética, tem leis — pelo menos, é o que podemos supor.

Um a um, nesta primeira manhã em que Walser habita a sua nova casa, vão chegando homens com a missão de pequenos reparos. Pouco a pouco, de um modo quase imperceptível, mas no final do dia incontornável, a casa volta a ser um estaleiro. Em caso algum a racionalidade absoluta é posta em causa no seu todo. São sempre pequenos reparos, alguma coisa mínima que não está em ordem. Fissuras, fendas.

A materialidade das coisas é avessa à racionalidade absoluta? A empiria de uma casa, ainda que para se erguer enquanto casa necessite da racionalidade absoluta dos cálculos de engenharia, será em cada uma das suas minúsculas partes constituintes indomesticável à racionalidade absoluta? Assim parece. Versão comezinha do clássico “os trabalhos e os dias”, mas fazer permanecer um império não é diferente de fazer permanecer uma casa habitável: tudo exige manutenção, vigilância, reconstrução constante ainda que por ínfimas parcelas de cada vez. Como a pele do nosso corpo: em ciclos constantes de sete anos, ao que parece, renova-se completamente. Sem que disso dêmos conta. Ou quando damos, é já só na dimensão da catástrofe. A catástrofe é a aceleração e descontrolo de uma fenda ou fissura que não foi remediada a tempo, ou que a auto-organização não conseguiu colmatar pelos seus próprios meios. A catástrofe é quando a lógica do material atravessa as fronteiras da planificação. Ou de outra maneira também: um efeito perverso.

É por isso que a racionalidade absoluta é sempre ilusória. A casa está cheia de imperfeições, como é próprio das casas. Se não hoje, amanhã será. É a lei do tempo. E o que vale para as casas, sobretudo quando são uma conquista da racionalidade absoluta no seio das florestas, é válido para as teorias. A teoria é uma morada para o sujeito. Um refúgio para o medo. Uma conquista da racionalidade absoluta no seio do caos — ou da floresta da multiplicidade das ideias, se se quiser. A teoria cria grandes expectativas, porque nos dá a ilusão de que com ela bem

>>

podemos dispensar os incómodos do confronto com a realidade. Ou com o Outro. A realidade, tal como o Outro, tem essa coisa irritante de seguir os seus próprios desejos. E para cúmulo, quase nunca os desejos da realidade, ou do Outro, coincidem com os nossos desejos. Mas para os seres verdadeiramente teóricos, isso não chega a constituir um problema. Walser é um ser verdadeiramente teórico: não tem qualquer teoria, não vive separado da teoria como se a teoria fosse um produto do seu pensamento ou de qualquer outra sua qualidade ou atributo. Walser coincide com a teoria. Enfim, não completamente. Como já se disse, há um problema. Que ao longo da manhã se acrescenta de outros pequenos problemas.

8. Ressalva. Teoria. Catástrofe.

Mas antes de avançarmos nos problemas do Senhor Walser, uma ressalva. Ainda a questão da teoria. Ao contrário dos outros senhores que habitam o bairro, o Senhor Walser não tem um *ethos* claramente teórico. Não se enreda em raciocínios que desembocam no absurdo, dando a ver o cómico que decorre do uso de uma lógica estritamente lógica, para dizê-lo rapidamente. Não experimenta no seu agir do dia-a-dia os impasses, também cómicos ou vagamente trágicos, que derivam de viver segundo a teoria. Walser pouco pensa — ou melhor dito, pouco sabemos do que Walser pensa —, Walser tem sobretudo expectativas. Walser pouco age: na situação em que o encontramos na história, Walser espera apenas que se conclua as condições, não tanto para poder agir, mas para que possa acontecer a realidade das suas expectativas. Contudo, Walser é o mais propriamente teórico de todos os Senhores que até agora nos foram apresentados. Porquê? Porque toda a teoria se consubstancia nessa conquista da racionalidade absoluta que é a sua casa. Ele limita-se a habitá-la. Pressupõe-se que a desejou tal e qual, verifica-se que está contente com ela, e é notório que se quer

instalar dentro dela como dentro de um sistema fechado e perfeito. Supostamente, a teoria diz o mundo. Na verdade, pretende substituir-se a ele. Para além das vagas razões que nos são dadas para que a casa de Walsler esteja distante do todo do bairro, as razões da teoria explicam muito bem esta necessidade de distância. Mesmo que necessidade não seja a palavra mais adequada. Ou então deveríamos falar de necessidade estratégica. Longe do mundo, para não ser contaminado por ele e consumir a vitória sobre ele: o triunfo da racionalidade absoluta.

Mas é precisamente nesta distância que a teoria está mais exposta. No bairro, o cómico pode ainda ser modo de vida: não somos todos bastantes ridículos, quando nos olhamos nas pequenas manias que nos individualizam? Não escreveu Freud uma psicopatologia da vida quotidiana? Se toda a teoria, como sabemos, deve o seu poder de explicação à sua parcialidade inevitável — o pormenor e o todo não são visíveis simultaneamente —, a vida do bairro, na sua diversidade, mostra-se capaz de estabelecer conexões entre as moradas individuais, isto é, entre as parcialidades. Conexão difusa que seja, o do simples cruzar das pessoas na sua vida diária. Ou até conexão ilusória, quando pensamos que meras contiguidades ou cruzamentos a-significativos podem constituir fluxos sociais de informação. Quando o absurdo segue em direcções diferentes e em todas as direcções possíveis, é inevitável que muitas dessas direcções acabem por ser aquelas que seriam seguidas por pensamentos e comportamentos razoáveis. Mas quando a teoria (ou a casa) está sozinha e pretende auto-suficiência, e todos os seus não-ditos e interditos se aceleram mutuamente, não há casas ao lado ou teorias vizinhas que possam amortecer este movimento. Esta aceleração, já o dissemos, é a catástrofe, a lógica do material atravessando as fronteiras do que lhe tinha sido planificado. Agora sim, podemos passar conclusivamente aos pequenos problemas da casa que, durante a manhã, se vão apresentando a Walsler.

>>

9. Contrariedades. Bom-senso. Apelo.

Uma torneira que não funciona, tábuas do soalho mal colocadas, “uma fissura, segundo parece” (*idem*: 26) na parede de um dos compartimentos, uma janela que não fecha bem, a rede eléctrica que precisa de ser toda revista, as molas do sofá também, painéis do tecto deficientes, e já no final do dia a descoberta de uma fenda no telhado. Como já se disse, pequenos reparos, pequenas contrariedades. O suficiente, contudo, para que o primeiro dia na nova casa de Walser não proporcione o contentamento que ele esperava.

38>39

Mas Walser não desarma no seu optimismo, ou nas suas expectativas. Em estrito bom-senso, não se pode dizer que haja razões de peso para que Walser desarme. Afinal, diz-nos a experiência do quotidiano, com mais ou menos reparos de última hora, chegará o momento em que as casas se dão por concluídas e nos parecem perfeitas. E assim sendo, também não há que procurar para as personagens motivos diferentes para as suas reacções do que aqueles que podem ser explicados pela plausibilidade do dia-a-dia.

A reacção de Walser é comedida, comedida e levemente contrariada, o que só a torna mais verosímil. Mas Walser não tem o equilíbrio do bom-senso quotidiano. Por momentos, os seus gestos, o comedimento dos seus gestos, participa da órbita do bom-senso, mas a rota de Walser vai noutra direcção. Entenda-mo-nos. Walser não é o homem prático, dando espaço e tempo à conclusão de um projecto que nada apresenta de transcendente. Walser também não é propriamente a figura do filósofo distraído e perdido nos seus pensamentos, tão desatento da realidade que cai no poço. Por último, Walser não é também a vítima dos infortúnios da virtude. Na verdade, Walser não percebe muito bem o que se passa, simplesmente porque na sua cabeça não há lugar para o modo um pouco desarranjado que as coisas apresentam na sua existência real. Walser quer apenas que a sua casa volte a ser o mais rapidamente possível o triunfo da racionalidade absoluta

que ele entreviu no início. A sua falta de bom-senso está nesta incapacidade de reconhecer que o real falha.

Quando não é dramática ou mesmo trágica, a falta de bom senso é cómica. Mas dir-se-ia que aqui o cómico não diz directamente respeito a Walser, antes ao facto de o desarranjo das coisas contrariar a promessa inicial do triunfo da racionalidade absoluta. Walser não é o Jacques Tati de *Playtime*, cuja presença céptica e deslocada parece capaz de afectar o funcionamento dos mecanismos tecnológicos mais avançados. Walser não interfere, as coisas é que se encaminham para uma mansa catástrofe, como se a floresta readquirisse parte dos seus direitos sobre a casa que a nega. Ora, essa catástrofe mansa é na verdade um apelo. A que Walser responde negativamente, como já veremos.

>>

10. Fenda. Traquinice. Mal.

Há uma minúscula fenda no telhado da nova casa de Walser. Esta é a última contrariedade do dia, mas não deixa de ser a mais importante. É uma falha que afecta a capacidade de a casa se isolar por completo da natureza. Evidentemente, fendas no telhado são para tapar. Mas em literatura, fendas no telhado, embora sendo fendas no telhado, podem ser também outra coisa. Para Walser, era

claro que a fenda não era apenas isto: qualquer coisa que não está. Pelo contrário, bem pelo contrário: naquele momento Walser sentia que um qualquer elemento avançava por ali — uma matéria que vinda de cima lhe batia na cabeça, como numa traquinice, lhe batia uma vez, depois outra e escondia-se. (*idem*: 34)

Para o dizer rapidamente, o que fica fora da racionalidade absoluta desta casa só pode ser da ordem da “traquinice”, da brincadeira, do jogo, do imprevisível. Tudo aquilo que nos poderia aproximar menos angustiadamente e menos domina-

doramente da realidade. Esta fenda é um apelo ao jogo da realidade. E o jogo da realidade tem isto de profundamente ético: na medida em que a interacção é imprevisível, as regras não podem ser definidas antes, vão-se construindo durante a própria interacção, clarificando a escolha não antes de ela ser escolhida mas no movimento e nas consequências de ela ter sido essa escolha e não outra.

Walser recusa este apelo. Aliás, da forma mais comum de que esta recusa se tem revestido: diabolizando. O receio do imprevisível, o risco da liberdade do imprevisível, justifica-se a seus próprios olhos fazendo coincidir o campo do imprevisível, daquilo que é sem causas e sem exigências, com o campo do mal:

40>41

As pancadas, no entanto, aumentavam, dir-se-ia, de intensidade. (...) Era[m] agora, para Walser, uma evidente ameaça — mas ameaça não argumentada; ameaça sem causas e sem exigências. Mas que sentia ele, de facto? (...) Apenas isto: um frágil pressentimento que saía da sua cabeça e uma igualmente frágil proposta — chamemos-lhe tentação — que vinda do exterior, e aproveitando precisamente aquela inesperada fenda no telhado do sótão, por ali se infiltrava, tocando-o, puxando-o, convidando-o para uma acção que Walser ainda não conseguia definir, mas que sentia estar colocada no extenso e, quando por fim lá dentro, infundável, campo do mal; campo onde jamais entrara e onde jamais, estava certo, entraria. (*idem*: 35)

Fim de partida? Em larga medida, sim. Ou dito de outra maneira, Walser antecipa duplamente o fim de partida.

11. Fim de partida. Expectativas. Maioria ocidental.

O que quer que venha a acontecer à sua casa, Walser recusará sempre o apelo do exterior. É esse o seu primeiro fim de partida: nada fora da racionalidade absoluta da casa. Um fim de partida voluntário, se se podem pôr as coisas nestes termos.

Recusando o apelo do exterior, a condição de Walser, presume-se, será sempre a de um homem cheio de expectativas. Com a casa regressada à condição de estaleiro, ou com a casa pronta a habitar, Walser desenha para si próprio as mesmas inquebrantáveis expectativas. É esse o seu segundo fim de partida, agora involuntário: da realidade que deseja, Walser conhecerá apenas as expectativas, pois a realidade que deseja mora toda ela no exterior da casa. Como pode vir o exterior para dentro sem afectar irremediavelmente o dentro, afectando no mesmo passo as expectativas que o dentro gera? Não querendo o risco do exterior, Walser coloca-se naquela situação involuntária, mas muito comum, de desejar não só o que dificilmente terá, como também de desejar aquilo que não tem condições de saber se corresponde ao seu verdadeiro desejo.

>>

Neste sentido, é quase irrelevante que, na dimensão estrita da história que nos é contada, as coisas terminem bem ou mal ou assim-assim. A sorte de Walser, em boa verdade, não passa por aí. Mas na medida em que a sorte de Walser, ou aquilo que dela podemos saber com rigor agora, é ilustrativa do livro, o fim dele não pode deixar de ser significativo.

Numa casa regressada à sua condição de estaleiro e onde já não consegue encontrar o seu quarto, Walser adormece num corredor, “encostado a uma das paredes — a que haviam, reparara agora, retirado o rodapé” (*idem*: 38). Adormece “tranquilo, pensando no dia seguinte. Tinha grandes expectativas.” (*ibidem*).

“Grandes expectativas” é a derradeira expressão do livro. Walser ilustra bem que a racionalidade absoluta nunca se deixa instruir sobre a relatividade do seu absoluto: perderia o seu auto-contentamento. As expectativas são de facto o conector, mas são como um cabo partido que é já incapaz de ligar: reconhece-se claramente a sua função, mas percebe-se que só imaginariamente ela poderá ser executada.

Walser não é exactamente um optimista ingénuo ou um ingénuo ignorante das consequências da vida prática. Na verdade, os tempos já não permitem tais características, a não ser

como pequenos percalços da chamada psicologia do desenvolvimento. Walser toma “grandes expectativas” como outros tomam ansiolíticos, recortando da realidade o circuito fechado daquilo com que conseguem lidar. Ora, um pedaço da realidade não tem as características orgânicas da realidade, tem a forma da realidade e simula a vida da realidade. A racionalidade absoluta da casa de Walser é esse pedaço da realidade: tem a forma do acolhimento e da protecção, mas simula o acontecimento através da expectativa. Neste sentido, as expectativas de Walser nunca serão defraudadas, apenas darão origem a novas expectativas ou à queixa contra a impossibilidade de reunir as condições próprias para o cumprimento das expectativas. Walser defende-se da decepção e defende-se de si mesmo enquanto decepção. Por isso, de todos os habitantes ou vizinhos do bairro, Walser é, no fundo, o mais parecido com a maioria humana ocidental de inícios do século XXI.

Paz à sua perversidade. <<

BIBLIOGRAFIA ∨

Tavares, Gonçalo M. (2006), *O Senhor Walser*, Lisboa, Caminho.

Žižek, Slavoj (2006), *Elogio da Intolerância*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio d'Água [2004].